



Data: 17.04.2021

Título: Carlos Antunes: terceira fase devia ser adiada uma semana

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;5

Desconfinamento Carlos Antunes: terceira fase devia ser adiada uma semana

Destaque, 5

Área: 272cm² / 14%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 7111510



Data: 17.04.2021

Título: Carlos Antunes: terceira fase devia ser adiada uma semana

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

QuickCom
comunicação integrada

Secção: Nacional

Pág: 1;5

Carlos Antunes Nova fase de desconfinamento devia “esperar uma semana”

Patrícia Carvalho

Há muitas cautelas na forma como o matemático Carlos Antunes olha para o desconfinamento em curso. Isto porque “as probabilidades e a matemática dizem que o risco [associado à covid-19] está a aumentar”. Por isso, este e outros especialistas que têm aconselhado o Governo na gestão da pandemia preferiam que se tivesse esperado mais um pouco, antes de se avançar para a 3.ª fase de desconfinamento. “O que aconselhávamos era adiar mais uma semana”, diz, acrescentando: “Provavelmente estamos a dar um passo maior do que a perna, espero que não.”

As razões para essa espera são claras: “Permitia-nos ver o efeito da abertura da 2.ª fase e dos ciclos escolares e também dar mais tempo para aumentar a quantidade de pessoas vacinadas”, diz o investigador da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

A decisão política, admite, “é extremamente difícil”, e agora que se decidiu avançar para uma maior abertura de grande parte do país, é preciso compensar os riscos que daí advêm com algumas medidas que possam travar o previsível aumento de contágios. “Já reparámos que o índice de confinamento depois da Páscoa caiu abruptamente e para termos o reflexo disso precisamos de mais dias. O que nos dizem os modelos teórico e matemático é que com mais contactos diários a probabilidade de contágios vai aumentar e a única forma de contrariar isto é com o reforço de

rastreio e testagem – que está a subir, mas não de forma significativa – e o aumento da protecção individual. As pessoas deviam proteger-se mais à medida que desconfinam, mantendo o distanciamento, mas a verdade é que reduzem essas medidas; têm a percepção de que o risco é menor, quando devia ser ao contrário”, diz.

Carlos Antunes defende que é essencial reduzir o período de transmissão (altura em que a pessoa está contagiosa sem saber e continua a contactar com outros) e que isto só é possível detectando mais precocemente os infectados e isolando-os. Mas o número de rastreadores actualmente em funções não é suficiente, alerta, e com o retomar das aulas presenciais dos ensinos secundário e superior, essa falta ainda será mais notória. “Não se pode fazer rastreios só quando abrem as escolas. Tínhamos de estar a fazer 150 mil [testes] por dia e estamos nos 40 mil.”

O exemplo a seguir, defende, seria o do Reino Unido, que não só está a testar as escolas todas as semanas, como disponibilizou dois autotestes semanais aos cidadãos. “Os ingleses esperaram cinco semanas entre a 1.ª e a 2.ª fase [do desconfinamento] e vão esperar outras cinco para a 3.ª. E têm muito mais pessoas vacinadas, nós estaremos entre os 25% e 30% de população imunizada, o que é muito pouco”, diz.

E há outros indicadores a ter em conta. “Se os infectados não têm probabilidade de criar casos graves ou de morrer, os parâmetros podem ser mais flexíveis, posso permitir maior infecciosidade e incidência, porque

o dano é muito menor. E, por isso, fazia sentido olhar também para os dados da UCI [unidades de cuidados intensivos]”, explica.

Também é fundamental olhar para a eventual implicação das novas variantes na evolução da pandemia e para a chamada “covid de longa duração”. Ou seja, as sequelas deixadas em doentes que apenas tiveram sintomas ligeiros ou estiveram assintomáticos, mas que meses depois ainda continuam a experienciar cansaço, falta de memória ou de capacidade de concentração. “Ao deixar mais gente ser infectada, pode-se ter o reverso da medalha, que é criar situações de doença de longa duração, que se vai repercutir em termos da qualidade de saúde.” E isto, já ninguém quer.

É portanto preciso mais informação, e uma percentagem bem maior da população vacinada, para que os casos em UCI não voltem a disparar. “Temos de ter presente que não podemos ir além das 245 camas de UCI dedicadas à covid. Se passarmos este número, temos de ir buscar camas a outros serviços e não queremos fazê-lo, porque precisamos de recuperar cirurgias programadas que foram adiadas, diagnósticos, exames. O tratamento à covid tem de funcionar como ala separada, mas sem ir buscar recursos a outras alas, isto é o mais importante”, conclui.



O matemático Carlos Antunes defende o modelo de desconfinamento seguido pelo Reino Unido